

Fenomenologia e relação terapêutica: uma revisão integrativa da literatura
Phenomenology and therapeutic relationship: an integrative review of literature

Lúcia Marques Stenzel

Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre/RS, Brasil, lstenzel@ufcspa.edu.br

Resumo

A fenomenologia vem auxiliando pesquisadores a confrontar o formato tradicional de investigação da psicologia, rejeitando uma interpretação teorizante e objetificante dos fenômenos psicológicos. No entanto, o debate metodológico-empírico produz divergências entre os pesquisadores brasileiros. Este artigo apresenta uma revisão integrativa da literatura nacional em Psicologia acerca da forma como a relação terapêutica tem sido investigada em pesquisas que se fundamentam epistemologicamente na fenomenologia. Foi realizado um levantamento em bancos de dados virtuais (BVS, PePsic, SciELO, Portal Capes) em busca de artigos de estudos empíricos, publicados nos últimos dez anos, que tinham como foco a análise da relação terapêutica em termos de processo psicoterápico, independentemente da abordagem teórica. Dos 200 artigos encontrados, 16 foram selecionados para a leitura integral, sendo que somente dois se fundamentam epistemologicamente na fenomenologia. Os resultados e conclusões apontam para a escassez de trabalhos empíricos sobre a relação terapêutica e para as contribuições da fenomenologia na compreensão da relação terapêutica nos processos psicoterápicos. Os estudos encontrados propõem uma reflexão sobre a dimensão ontológica da intersubjetividade, rompendo com uma visão monológica do processo psicoterápico e apresentam contribuições sobre a possibilidade de investigação empírica da relação terapêutica fundamentadas epistemologicamente na fenomenologia.

Palavras Chave: Psicologia Fenomenológica. Processo Psicoterapêutico. Relação terapêutica. Métodos de Pesquisa.

Abstract

Phenomenology has helped researchers to confront the traditional format of psychology investigation, rejecting a theorizing and objectifying interpretation of the psychological phenomena; however, the methodological-empirical debate produces divergences among Brazilian researchers. This article presents an integrative review of the Brazilian Psychology literature about how the therapeutic relationship has been investigated in research based upon phenomenological epistemology approaches. A survey was conducted in virtual databases (BVS, PePsic, SciELO, Portal Capes) to find articles of empirical studies, published in the last

10 years, that had as a focus the analysis of the therapeutic relationship in terms of psychotherapeutic processes, regardless of theoretical approach. Sixteen out of 200 articles were selected for full reading, with only two being phenomenological epistemology approaches. The results and conclusions showed how the epistemological, ontological and methodological debate about research on psychotherapy materializes empirically; pointing out to the scarcity of empirical work on the therapeutic relationship and the contributions of phenomenology for the understanding of the therapeutic relationship in psychotherapeutic processes. The studies suggest a reflection on the ontological scope of intersubjectivity, breaking with a monological view of the psychotherapeutic process and presenting contributions on the possibility of empirical investigation of the therapeutic relationship based phenomenological epistemology approaches.

Keywords: Phenomenological Psychology. Psychotherapeutic Processes. Therapeutic relationship. Research Methods.

Introdução

Entre os anos de 1954 até 2000 a investigação dos processos psicoterápicos foi marcada por um interesse bastante pragmático e por uma busca ávida por um conhecimento universalmente válido e empiricamente testável (Soares, 2011). O desenvolvimento de uma atitude dialógica e de uma postura de alteridade foi (e continua sendo) uma das grandes marcas da contribuição teórica da fenomenologia, que serviram de inspiração para terapeutas e pesquisadores que buscavam uma oposição ao modelo dominante de orientação científico-naturalista. Na prática clínica e nas pesquisas empíricas, a fenomenologia, como epistemologia, vem oportunizando ao clínico, envolvido na relação terapêutica, uma posição compreensiva, reflexiva e descritiva; fazendo um rompimento drástico com a postura analítica e explicativa, típica das tradições da clínica psicológica (Gomes & Castro, 2010). O pensamento fenomenológico possibilitou que a prática clínica pudesse ser pensada num novo formato que se afasta de uma prática voltada para a categorização e o enquadramento de pessoas em protocolos e teorias. A partir das reflexões fenomenológicas, foi possível recolocar a pessoa em sofrimento em uma posição de não submissão e objetificação. Algumas abordagens psicoterápicas, tomando como inspiração o pensamento fenomenológico, passaram a compreender a relação terapêutica a partir de uma perspectiva dialógica, em que terapeuta ocupa uma posição de facilitador do processo e a pessoa em tratamento ganha um lugar de autoria na construção de sua história, conscientizando-se de sua liberdade e responsabilidade no processo psicoterápico.

Entretanto, apesar de existir um certo consenso sobre as contribuições e potencialidades da fenomenologia para a compreensão da prática psicoterápica, existem diferentes obstáculos no diálogo que envolve a pesquisa empírica em psicoterapia e a

fenomenologia. Correndo-se o risco de realizar uma simplificação, sugere-se que existem dois argumentos centrais que acirram o debate entre a investigação dos processos clínicos e o método empírico de pesquisa. De um lado, estão os argumentos que propõem uma tentativa de diálogo da pesquisa fenomenológica e os métodos empírico-formais em psicologia. Neste pólo do debate, fala-se sobre a necessidade das psicoterapias de base humanista, existencial e fenomenológica investirem no uso de métodos de pesquisa sistematizados, visando o estudo da efetividade dos tratamentos (Gomes & Castro 2010). De outro lado, em oposição a esta tentativa de um diálogo com a ciência empírica, também existem exemplos de pesquisadores brasileiros que alertam sobre as dificuldades em estabelecer uma relação segura entre a fenomenologia e a ciência psicológica (Feijoo e Goto, 2017).

Na produção acadêmica brasileira é possível encontrar exemplos destes dois pólos do debate. Alguns pesquisadores brasileiros filiados à fenomenologia vêm estimulando a pesquisa empírica para a investigação do sofrimento humano - tanto para a compreensão dos processos clínicos e psicoterápicos, como para a análise da prática psicológica no âmbito da atenção à saúde mental. Um exemplo no campo da prática psicoterápica são os trabalhos de AmatuZZi (2010), que criou um instrumento de pesquisa intitulado “versão de sentido” que visa a investigação da relação terapêutica em contextos psicoterápicos. AmatuZZi (2010) propõe que o terapeuta possa elaborar um relato espontâneo que revele o que ele viveu em termos intersubjetivos na sessão com cliente. Trata-se do que ele chama de “radiografia fenomenológica de um encontro” (AmatuZZi, 2010, p. 79). A versão de sentido é definida como “um relato livre, que não tem a pretensão de ser um registro objetivo do que aconteceu, mas sim ser uma reação viva a isso, escrito ou falado imediatamente após o ocorrido” (AmatuZZi, 2010, p. 76).

Outros exemplos de pesquisas fundamentadas epistemologicamente na fenomenologia, que buscam a investigação do sofrimento humano, são os trabalhos de Andrés Antúnez (Antúnez, Colombo, Santoantonio, Acharán, & Acurio, 2018; Santos, Antúnez & Pimentel, 2020), que vem desenvolvendo uma proposta de operacionalidade da Fenomenologia da Vida, de Michel Henry, para a compreensão da psicopatologia e das situações clínicas. Também os trabalhos de Adriano Furtado Holanda (Holanda, 1997; 2012) e Ileno Izidio da Costa (Maeder, Holanda e Costa, 2019), bem como as produções de Virgínia Moreira (Moreira, 2004), propõem uma análise dos contextos de saúde mental e da psicopatologia, tomando como metodologia de base, em alguns estudos, a proposta de

Amedeo Giorgi - principal referência na elaboração das pesquisas empírico-fenomenológicas. Moreira (2004) introduz modificações na proposta original de Amedeo Giorgi e cria uma proposição que ela chama de “análise fenomenológica mundana”, inspirada no pensamento de Merleau-Ponty. Já Maeder, Holanda e Costa (2019) defendem o uso da proposta original de Amedeo Giorgi, argumentando que “trata-se de um modelo consolidado internacionalmente, já suficientemente descrito na literatura, que dialoga com outros métodos” (p.7).

Por outro lado, no outro polo do debate, pesquisadores brasileiros, como, por exemplo, Feijoo e Goto (2017), fazem ressalvas às pesquisas brasileiras que sugerem a possibilidade de aliar a fenomenologia ao empirismo psicológico. Os autores concentram suas críticas mais especificamente na proposta de Amedeo Giorgi, e nas pesquisas brasileiras que fazem uso do método empírico-fenomenológico proposto pelo autor. Apesar de reconhecerem que a fenomenologia oferece proposições epistemológicas aos pesquisadores e psicoterapeutas, Feijoo e Goto (2017) afirmam que ela não deveria servir como uma espécie de técnica ou método de aplicação operacional, nem para a clínica e nem para a pesquisa científica.

Contribuições empíricas da fenomenologia para a pesquisa em psicoterapia

Gomes e Castro (2010) referem que a fenomenologia vem se afastando do debate internacional e nacional sobre os processos psicoterápicos. Se um dia a fenomenologia “serviu de inspiração para os psicoterapeutas fundadores, hoje se apresenta distanciada ou apenas implícita na prática clínica” (Gomes & Castro, 2010, p.83). A fenomenologia, para esses autores, aparece de forma secundária nas pesquisas de abordagens historicamente convergentes, como por exemplo, nos estudos empíricos da Logoterapia, da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e da Gestalt-terapia. Os autores reforçam ainda que existe uma tendência no país à prática de “um existencialismo descomprometido com a reflexão sistemática ou pesquisa psicológica, exemplificado por várias propostas de vivências e que em nada mantém conexão com a fenomenologia” (p.88). Sobre as publicações nacionais, os autores referem que a intersecção entre fenomenologia e clínica nunca teve um lugar de destaque e segue hoje se ocupando “primordialmente dos fundamentos da filosofia fenomenológica e existencial” (Gomes & Castro, 2010, p.89). Em revisão sistemática, Gomes e Castro (2010) referem que, entre os anos de 1992 e 2002, as produções empíricas relacionadas à prática clínica, que tomavam por base a fenomenologia, já se mostravam bastante escassas.

Uma análise mais ampla do desenvolvimento do eixo pesquisa-psicoterapia no Brasil foi realizada uma década depois, por Pieta, Castro e Gomes (2012). Esta é uma das poucas revisões encontradas que versam sobre a discussão específica do processo psicoterápico. Os autores fizeram um levantamento junto a 31 periódicos nacionais de psicologia, utilizando o descritor “psicoterapia” como critério inicial de busca. A partir do estudo do material, que totalizou um conjunto de 235 publicações, os autores criaram seis categorias de identificação dos artigos, sendo uma delas referente a resultados terapêuticos, com apenas 19 produções. Dentre estas produções não há como saber se existiam investigações filiadas à fenomenologia, pois os autores não fazem uma referência específica às abordagens teóricas de base de cada um dos estudos. No entanto, evidencia-se neste exemplo a escassez de estudos empíricos sobre psicoterapia no âmbito geral das pesquisas brasileiras, independentemente de abordagens teóricas; o que demonstra um contraste entre a produção científica nacional e internacional:

A análise preliminar do levantamento de publicações nacionais indicou uma supervalorização de textos teóricos e revisões de literatura, ao mesmo tempo em que demonstrou uma escassez de pesquisas empíricas sistematizadas sobre o processo ou resultados de psicoterapias. Um maior fomento da pesquisa se justificaria apenas por esta constatação, sem levar em consideração ainda qual seria o delineamento de pesquisa mais adequado para a condução das investigações no contexto brasileiro (Pieta, Castro & Gomes, 2012, p. 136).

A investigação empírica sobre a relação terapêutica

Na psicologia existem diferentes interpretações sobre o conceito de relação terapêutica, abordando de formas diversas a relação intersubjetiva que se estabelece no contexto psicoterápico. As definições perpassam uma perspectiva representacional e transferencial - como, por exemplo, na psicanálise -, e perspectivas mais centradas na relação real e presente - como é o caso da gestalt-terapia. Na perspectiva representacional e transferencial da psicanálise, a intersubjetividade é definida como experiência interativa internalizada e organizada em forma de uma representação mental do objeto, formando blocos constituintes das estruturas psicológicas e servindo para orientar o comportamento e a motivação do sujeito (Zanatta & Benetti, 2012). Em contrapartida, outras abordagens, ao enfatizarem o “aqui e agora” da interação terapêutica, dão atenção à experiência imediata do cliente e ao momento presente da relação que se estabelece entre a díade terapeuta-cliente. Essa última perspectiva de relação é enfatizada por em uma série de modelos psicoterápicos, em particular as terapias gestáltica, existencial e sistêmica (Kondratyuk & Peräkylä, 2011).

Para esse modelo de compreensão, a interação se estabelece sob uma dinâmica que está para além do psíquico, “pois se refere à ontologia do homem, que é originariamente relacional” (Ferreira & Antúnez, 2013, p.92).

A fenomenologia introduz no campo da psicologia uma visão bastante peculiar sobre os fenômenos psicológicos e sobre a possibilidade de compreender e investigar a experiência humana. Ao colocar a intersubjetividade no centro do problema epistemológico e ontológico, faz um rompimento radical com a polarização do externo/interno e sujeito/objeto, que caracterizaram a tradição investigativa da ciência psicológica por longas décadas. A partir das reflexões de diferentes teóricos da fenomenologia, como Husserl e Merleau-Ponty, o problema da intersubjetividade passa a ocupar um lugar central na compreensão da experiência e na investigação dos fenômenos. Isso transposto para o estudo da relação terapêutica nos processos psicoterápicos - objeto central deste estudo - significa que, não se trata de pensar a relação como uma variável a ser pesquisada que pode ou não influenciar o processo terapêutico. Ao contrário disso, para os estudos epistemologicamente fundamentados na fenomenologia, o estudo da relação terapêutica - o engajamento intersubjetivo entre terapeuta e cliente - parece ser ser uma importante via de compreensão do processo psicoterápico. Para as psicoterapias que se fundamentam epistemologicamente na fenomenologia, a investigação do processo psicoterápico em geral enfatiza o estudo da intersubjetividade. Em função da compreensão fenomenológica de que a experiência é fundamentalmente relacional, de que somos seres de relação, é somente no encontro, no espaço do “entre”, que será revelada a experiência do processo psicoterápico. Para outras abordagens, no entanto, que colocam a subjetividade ou a objetividade no centro, abordar a relação terapêutica pode ser, ou não ser, uma variável de escolha investigativa.

A ausência de estudos empíricos nacionais sobre os processos psicoterápicos que se fundamentam epistemologicamente na fenomenologia contrasta com um crescimento emergente da pesquisa internacional e um interesse crescente em temáticas relacionadas à relação terapêutica (Angus, Watson, Elliott, Schneider & Timulak, 2015; APA, 2006; Norcross & Lambert, 2018; Parrow, Sommers-Flanagan, Cova & Lungu, 2019; Wampold, 2015). Como refere Hoffman et al. (2015), a recente abertura da pesquisa científica dominante em psicoterapia para a temática da relação terapêutica oportunizou um maior engajamento de pesquisadores humanistas e existenciais nas pesquisas empíricas. Mesmo que a psicologia humanista e existencial não estejam necessariamente fundamentadas na fenomenologia, a

tradição destas escolas em focar fatores relacionais como prioritários para o tratamento, e consequentemente para a pesquisa, privilegiando métodos empírico-fenomenológicos que visam capturar a compreensão, a escuta e a experiência da díade cliente-terapeuta, aproximou os campos (humanista e existencial) dos mais recentes achados internacionais em psicoterapia (Hoffman et al, 2015). Angus, et al. (2015), por exemplo, fazem referência a um interesse crescente das pesquisas de base humanista na utilização do método empírico-fenomenológico de Amedeo Giorgi nas pesquisas empíricas sobre processos psicoterápicos e relação terapêutica.

Nas duas últimas décadas, pesquisadores de diferentes correntes teóricas produziram uma extensa gama de pesquisas, a tal ponto que hoje pouco se questiona o reconhecimento de que os fatores relacionais são os mais capazes de influenciar os resultados clínicos (Norcross & Lambert, 2018; Wampold, 2015). A relação dialógica entre terapeuta e cliente passou a ser considerada um elemento fundamental para a clínica conforme a Prática da Psicologia Baseada em Evidências (PPBE), inclusive sendo endossada pela Associação Americana de Psicologia (APA, 2006). Estudos internacionais recentes demonstram que pesquisas humanistas, fenomenológicas e existenciais fizeram contribuições significativas para estes avanços inovadores no campo da psicoterapia nos últimos 25 anos (Angus et al, 2015).

Internacionalmente, os estudos que tomam como foco a posição/expressão do cliente sobre o processo psicoterápico, e do seu papel na relação terapêutica, vêm crescendo entre os pesquisadores. Conforme Angus et al. (2015), no início da década de 1990, surgiram dois métodos-chave que contribuíram para o desenvolvimento de uma abordagem qualitativa para o estudo das experiências do cliente na terapia humanista: “Interpersonal Process Recall” (IPR), que foi utilizado para capturar relatos da experiência do cliente momento a momento em sessões de terapia; e o método empírico-fenomenológico de Amedeo Giorgi, que, segundo os autores, forneceu estruturas metodológicas rigorosas e sistemáticas para a análise qualitativa das transcrições das entrevistas dos clientes. Segundo Angus et al (2015), essa integração entre a fenomenologia e a abordagem humanista resultou em uma nova linha de estudos inovadores, os quais buscavam a compreensão das experiências imediatas dos clientes nas sessões terapêuticas. Além disso, investigava eventos ocorridos nas sessões considerados significativos pelos terapeutas e clientes.

Nos estudos baseados em evidências, preconizadas pela, APA também aparece uma predileção por registros produzidos pelo terapeuta para posterior análise através de modelos

científicos quali-quantitativos centrados na expertise clínica do profissional e pesquisador. Isto quer dizer que, também na PPBE prevalecem estudos que confiam ao terapeuta a capacidade de capturar e interpretar a relação terapêutica. No entanto, crescem as discussões entre os pesquisadores da PPBE que questionam a autoridade do terapeuta na “descrição da verdade” sobre o processo psicoterápico, havendo uma valorização crescente de investigações que valorizam a experiência do cliente sobre a relação.

Para Bohart e Tallman (2010), por exemplo, teóricos que também defendem a valorização empírica da experiência do cliente, a pessoa que está sendo atendida não pode ser tomada como passiva ou alheia ao processo; ao contrário, o cliente opera ativamente no processo psicoterápico, transformando as informações e experiências em mudanças efetivas. Por esta razão, existe hoje uma recomendação clara dada pela APA e pela PPBE (APA, 2006) aos terapeutas e pesquisadores para que encorajam a expressão de sentimentos do cliente sobre a terapia e que tomem estes relatos e descrições como os objetivos centrais, não só do processo psicoterápico, mas também das pesquisas em psicoterapia (Pieta & Gomes, 2017).

Exemplos de valorização dos modelos metodológicos de primeira, segunda e terceira pessoa pela PPBE são os instrumentos psicométricos que visam avaliar fenômenos específicos do atendimento (empatia, aliança terapêutica, aspectos comunicacionais, etc.) a partir das impressões do terapeuta, cliente e observadores externos. A tentativa de incluir a experiência e percepção dos diferentes agentes envolvidos direta ou indiretamente na relação terapêutica (primeira, segunda e terceira pessoa) tem sido uma tendência nos estudos internacionais (Barret-Lennard, 2015; Elliot, Bohart, Watson, & Greenberg, 2001; Peuker et al., 2009; Maia et al., 2017). Modelos investigativos como o de Barret-Lennard (2015), são exemplos de tentativas de introduzir o pluralismo metodológico na investigação dos processos psicoterápicos. São propostas como a de Barret-Lennard (2015), inspirada na obra de Carl Rogers, que vêm resgatando a abordagem humanista como um modelo metodológico de vanguarda na compreensão da relação terapêutica nos processos psicoterápicos.

Em contrapartida, no Brasil, desde a publicação do estudo de Gomes e Castro (2010) e do estudo de Pieta, Castro e Gomes (2012), a pesquisa brasileira encontra um vácuo de produções empíricas sobre a psicoterapia. Nenhuma revisão sistemática ou integrativa foi realizada desde então visando analisar a produção de pesquisadores brasileiros que tenham conduzido investigações sobre a relação terapêutica e que se fundamentam epistemologicamente na fenomenologia. Em contrapartida, embora revisões sistemáticas que

visem uma análise mais global da pesquisa brasileira sobre relação e a aliança terapêutica tenham sido realizadas recentemente (Maia, Araújo, Silva & Maia, 2017; Pieta & Gomes, 2017; Ribeiro, Torres, Pedrosa, Silveira, & Sartes; 2019); estas se restringem à busca de estudos sobre instrumentos e métodos de avaliação da relação terapêutica, ou ainda, à busca de estudos que associam relação terapêutica à desfechos clínicos. Este vácuo no estudo da produção acadêmica brasileira sobre a relação terapêutica nos processos psicoterápicos foi uma das motivações deste estudo.

Esta revisão integrativa visa demonstrar como vem se configurando a pesquisa brasileira nas investigações sobre a relação terapêutica nos processos psicoterápicos. A proposta é traçar um panorama das pesquisas que se fundamentam epistemologicamente na fenomenologia para a investigação sobre a relação terapêutica nos processos psicoterápicos, principalmente nos últimos dez anos - período em que se percebe uma mudança de paradigma em relação às pesquisas empíricas em psicoterapia no âmbito internacional, as quais passaram a dar grande ênfase aos aspectos relacionados à díade terapeuta-cliente.

Método

Para a revisão integrativa foi realizada uma busca de artigos nacionais, no formato de artigos científicos, disponíveis na íntegra em meio eletrônico, na área de Psicologia, independentemente da abordagem teórica. Como referem Gomes e Castro (2010) a fenomenologia tem aparecido de forma secundária ou implícita nas pesquisas empíricas de abordagens historicamente convergentes; como por exemplo em pesquisas em Logoterapia, ACP e Gestalt-terapia. Busca-se verificar se esta tendência apontada pelos autores em 2010 se perpetua nas pesquisas atuais. Por esta razão, optou-se por não realizar um recorte antecipado de estudos fundamentados epistemologicamente na fenomenologia. Tal escolha visou possibilitar uma busca mais ampla de estudos focados em processos psicoterápicos, para somente depois identificar aqueles que poderiam estar fundamentados epistemologicamente na fenomenologia. Por fim, cabe ressaltar que, como critério de inclusão, foram selecionados artigos que tivessem como proposta analisar a relação terapêutica de forma empírica (excluindo estudos teóricos) e que estivessem dentro do recorte temporal dos últimos dez anos (2010-2020).

A busca e análise dos achados foi realizada com base no método de Souza, Silva e Carvalho (2010). A proposta dos autores é que a revisão integrativa seja realizada em seis

fases: elaboração da pergunta norteadora; busca ou amostragem na literatura; coleta de dados; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos resultados e apresentação.

Seguindo o método proposto, foram determinadas como questões norteadoras as seguintes perguntas: como a relação terapêutica tem sido investigada no Brasil? Como se materializa em termos empíricos o debate polêmico sobre a utilização ou não do método empírico-fenomenológico nas pesquisas em psicoterapia? Existem estudos que mencionam a fenomenologia como método de investigação da relação terapêutica e dos processos psicoterápicos? As pesquisas empíricas apresentam o fenômeno da relação terapêutica aceitando de antemão as categorizações e descrições feitas a partir da ciência psicológica ou propõem uma reflexão radical destas categorizações?

Partindo da pergunta mais ampla, sobre como a relação terapêutica tem sido investigada no Brasil, a busca por estudos foi realizada junto à Biblioteca Virtual de Saúde - Psicologia (BVS - Psi) acessando as bases de dados Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePsic) e Scientific Electronic Library Online (SciELO); e o Portal de Periódicos CAPES.

Inicialmente as buscas foram norteadas pelo termo “relação terapêutica”, entretanto, em função do objetivo do estudo ter como foco a investigação da relação terapêutica em contextos psicoterápicos, foi necessário refinar a coleta; optou-se então por adicionar à busca o termo “psicoterapia”. Como método de busca final foram feitas combinações dos termos “relação terapêutica”, “aliança terapêutica”, “psicoterapia”, “avaliação” e “processo”. Em algumas bases de dados foi necessário separar os termos “relação terapêutica” e “aliança terapêutica” (por exemplo: relação [and] terapêutica [and] psicoterapia). Fez-se uso das palavras referidas para todos os índices de busca e não só para os campos relacionados ao título, como fizeram Pieta e Gomes (2017). Acredita-se que esta escolha por uma busca mais ampla - não restrita aos títulos dos artigos - deu origem a uma amostra maior de artigos relacionados ao tema. Ademais, a pesquisa de Pieta e Gomes (2017) restringiu-se à análise dos documentos que estavam circunscritos aos achados sobre a relação entre aliança e resultados de psicoterapia; por isso, considera-se que a revisão apresentada neste artigo ampliou em muito a análise do campo do processo psicoterápico.

Após esta primeira etapa de elaboração das perguntas norteadoras, da busca na literatura e da coleta de dados, como sugere Souza, Silva e Carvalho (2010), partiu-se então para a análise crítica dos estudos incluídos na amostra e a discussão dos resultados; etapas que serão apresentadas a seguir.

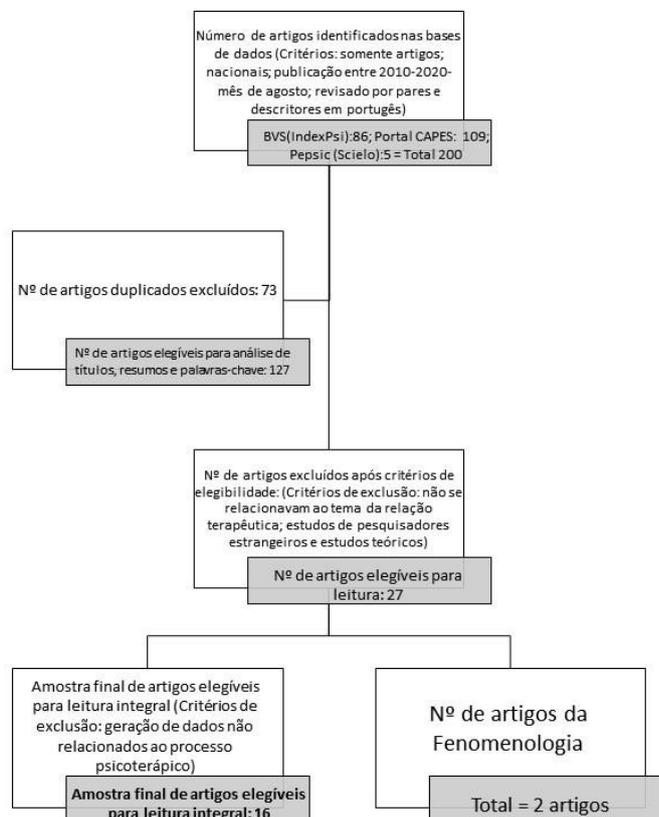
Resultados

Na etapa inicial de busca foram encontrados 200 artigos. Após a exclusão dos artigos duplicados chegou-se ao número de 127. Em uma etapa posterior de triagem, foram lidos os resumos com o objetivo de selecionar os estudos a partir dos critérios de inclusão previamente estabelecidos pelos objetivos do projeto. Nesta etapa foi preciso refinar a triagem, pois os métodos anteriormente utilizados para a busca nas bases de dados (descritores, recorte temporal, etc.) não triaram exclusivamente estudos de cunho empírico - que era um dos objetivos centrais da proposta.

Dentre os 127 artigos, muitos eram estudos teóricos que não apresentavam uma metodologia investigativa. Também nesta primeira etapa fez-se uma busca específica por artigos de pesquisadores brasileiros, que fossem escritos na língua portuguesa, espanhola ou inglesa. Excluiu-se artigos de pesquisadores estrangeiros - mesmo aqueles publicados em periódicos nacionais. O objetivo de limitar a busca a produções nacionais deveu-se ao fato de que no exterior a pesquisa sobre relação terapêutica em contextos psicoterápicos encontra-se bastante avançada, e a intenção deste estudo é de justamente verificar produções científicas de pesquisadores brasileiros, contribuindo assim para o mapeamento da produção de conhecimento científico em psicologia no país. Cabe ressaltar que, ainda nesta etapa, só foram incluídos estudos que tinham como variável a relação terapêutica (ou aliança terapêutica); estudos que visavam analisar outros aspectos da competência clínica não foram incluídos.

Após a leitura dos resumos dos 127 artigos, foram selecionados um total de 27; porém somente 16 compuseram a amostra final do estudo. Alguns resumos deixavam dúvidas quanto à geração dos dados, participantes e principalmente se o estudo tratava da investigação sobre a relação terapêutica no processo psicoterápico. Desta forma, foi necessária uma leitura da metodologia, visando esclarecer aspectos que não estavam descritos no resumo. Nesta última etapa de triagem, 11 publicações foram excluídas; o que reduziu a amostra final do estudo a 16 artigos elegíveis para a leitura integral (Figura 1).

Figura 1: Fluxograma da revisão integrativa



Dentre estes 16 artigos, somente dois eram epistemologicamente fundamentados na fenomenologia, conforme ilustra a Figura 1. Os demais artigos se concentravam nas seguintes áreas: nove eram estudos da psicanálise; três da abordagem cognitivo-comportamental; dois da análise do comportamento; e dois fundamentados na fenomenologia. Neste artigo serão tecidas reflexões sobre estas duas produções filiadas ao campo fenomenológico. Em outro trabalho foi feita a análise integral dos 16 artigos, demonstrando as características da produção empírica nacional sobre relação terapêutica independentemente da abordagem teórica.

Os dois estudos encontrados sobre a investigação da relação terapêutica nos processos psicoterápicos epistemologicamente fundamentados na fenomenologia são os estudos de Antúnez, Colombo, Santoantonio, Acharán e Acurio (2018) e Luczinski, Vianna, Garcia, Nunes e Tsallis (2019), ilustrados no Quadro 1. A análise crítica e interpretação dos estudos

incluídos na amostra será desenvolvida a seguir por meio das questões norteadoras da pesquisa, conforme sugerem Souza, Silva e Carvalho (2010) para a revisão integrativa.

Quadro 1: Relação dos estudos que compuseram a amostra de artigos da Fenomenologia analisada de acordo com a fonte, descritores, título, autores e ano de publicação

Fontes	Descritores	Título	Autor(es)	Ano
Biblioteca Virtual em Saúde (Indexpsi) Portal da Capes	relação [and] terapêutica [and] psicoterapia relação terapêutica [and] psicoterapia	Fenomenologia da vida em pesquisas clínicas	Andrés Eduardo Aguirre Antúnez; Erika Rodrigues Colombo; Jacqueline Santoantonio; José Tomás Ossa Acharán; Julio César Menéndez Acurio	2018
Portal da Capes	relação terapêutica [and] psicoterapia	Gestalt-terapia e Empoderamento Feminino na Relação Terapêutica: Reverberações a partir do Atendimento Psicoterápico entre Mulheres	Giovana Fagundes Luczinski Keyth Vianna Renata Parente Garcia Vanessa Hime Nunes Alexandra Tsallis	2019

Discussão

A discussão dos resultados foi subdividida em duas temáticas centrais: 1) a questão teórico-metodológica e 2) a dimensão ontológica da relação terapêutica e seus reflexos na pesquisa empírica.

A questão teórico-metodológica

Inspirado nos questionamentos de Feijoo e Goto (2017), este primeiro eixo de discussão visa a explorar se os estudos elencados abdicam ou não dos pressupostos husserlianos (que criticam o naturalismo e o relativismo das análises psicológicas empíricas e experimentais), confundindo-se com um modelo metodológico empírico proposto pela ciência psicológica. Para tanto, discutem-se neste eixo os elementos teóricos (influências filosóficas de base, abordagem teórica e conceitual) e metodológicos (delineamento de pesquisa; métodos e instrumentos de investigação; existência ou não de hipóteses apriorísticas; geração, sistematização e análise de dados) identificados nos estudos elencados.

As tentativas de aplicar o método fenomenológico à prática científica podem ser divididas em duas grandes vertentes. A primeira busca a descrição compreensiva da experiência e tenta estabelecer sua estrutura essencial. Segundo Leal e Serpa Junior (2013), Amedeo Giorgi tem sido citado como o principal representante desta primeira perspectiva metodológica, pois propõe uma análise descritiva e compreensiva da experiência a partir das narrativas dos participantes da pesquisa. A segunda vertente, a fenomenologia experimental, bem menos conhecida e praticada no Brasil, integra protocolos experimentais de pesquisa a descrições e relatos de experiências vividas (Leal & Serpa Junior, 2013). Segundo Leal e Serpa Junior (2013), a primeira vertente, em geral apoiada em estudos qualitativos, apresenta-se de dois grandes modos:

a) o primeiro, mais fiel ao método husserliano, exemplificado tanto pela tradição mais estritamente descritiva como pela fenomenologia psicológica/transcendental, tem o foco na descrição textural (de textura) – “o quê” – e estrutural – “como” – da experiência e menos na interpretação; b) o segundo, bem representado pela fenomenologia hermenêutica ou análise fenomenológica interpretativa, mescla a perspectiva husserliana com a abordagem hermenêutica de Heidegger e Gadamer e está orientado para a descrição da experiência vivida e a interpretação do seu significado (Leal & Serpa Junior, 2013, p. 2942)

Tanto o trabalho de Antunez et al (2018) como o de Luczinski et al (2019) têm como foco a descrição da experiência, e não a interpretação, portanto filiados à primeira vertente citada anteriormente. Fazendo uso de recursos metodológicos diversos, e a partir de diferentes influências teóricas, como será detalhado a seguir, os dois trabalhos visam à descrição das vivências do pesquisador/terapeuta envolvido no processo psicoterápico. Não há dúvida de que ambos estudos visam à investigação do vivido subjetivo e da experiência corporal que o acompanha, buscando explicitar o que está implícito na experiência. Entretanto, há uma escolha teórico-metodológica específica de cada estudo, aspecto que ganhará destaque na discussão deste eixo na tentativa de explicitar como o método fenomenológico é materializado em cada um deles.

O estudo de Antúñez et al (2018), por exemplo, faz referência ao método investigativo desenvolvido por Michel Henry de “corporeização e intuição reflexiva”. Segundo os autores, a proposta é investigar “como os terapeutas se corpo-apropriam de seus pacientes e como estes se corpo-apropriam de seus sofrimentos nos cuidados clínicos, bem como o uso das reflexões intuitivas no diálogo” (p.312). Para tanto, os autores fazem uso de dois estudos de caso: o de um paciente psicótico e suicida e o de um atendimento em grupo, no Ateliê de

Desenho de Livre-Expressão com crianças de uma Casa Abrigo. Os estudos de caso, como desenho metodológico de pesquisa qualitativa, têm sido uma opção recorrente em investigações de processos psicoterápicos em diversas abordagens da psicologia (Pieta, Castro & Gomes, 2012) e também entre pesquisadores do campo humanista e existencial (Angus et al., 2015).

No estudo de Antúnez et al (2018), a situação clínica, no caso do paciente psicótico, é apresentada desde o encaminhamento, passando pela análise de fases marcantes do tratamento até a conclusão do atendimento. A forma de apresentar a experiência do atendimento em grupo é semelhante. Os autores têm como objetivo a descrição fenomenológica das vivências das crianças atendidas, “a partir da semântica pessoal que elas traziam, de forma espontânea e peculiar” (p. 316). Os autores destacam ao longo do texto alguns pontos que marcaram mais fortemente a experiência do atendimento a partir da visão dos terapeutas. São referidos episódios que caracterizam a relação terapêutica; como, por exemplo, o seguinte trecho: “ao longo do tempo os terapeutas perceberam que, de alguma forma, as crianças estavam apresentando uma abertura maior para falar de coisas que no começo elas não falavam” (p.316). No entanto, o texto não cita um modelo de sistematização de registro (como diário de campo; análise de protocolos de atendimento; ou relatos e registros de sessão). Também não é nomeado um modelo de análise de dados como é característico dos estudos empíricos da ciência psicológica (análise de conteúdo, narrativa ou temática).

Ainda com relação ao estudo de Antúnez et al (2018), o relato do caso do paciente psicótico é feito com base na vivência e percepção do terapeuta sobre as evoluções alcançadas pelo paciente ao longo do tratamento. A descrição compreende aspectos tais como: aparência do paciente; características da narrativa; sintomatologia; fases do tratamento; e situações/episódios que marcaram a história do paciente. Esta descrição é articulada com um debate teórico que tem como base a obra de Michel Henry. Sobre as percepções do terapeuta quanto a mudança clínica do paciente e aspectos relativos à relação intersubjetiva - temática central de interesse desta revisão integrativa - os autores referem:

O rapaz, em poucas sessões, começou a manifestar emoções, trazendo um sofrimento intenso, chorando bastante. O psicoterapeuta acompanhava-o de forma compreensiva, não interferindo sua narrativa. A relação ocorria em um registro pré-temático com a presença de silêncios. O paciente não falava muito, precisava estar com alguém que o acompanhasse em seu sofrimento, que ele pouco compartilhava. Foi então que começaram a aparecer temáticas relacionadas a outras pessoas significativas de sua família (Antúnez et al, 2018, p. 314).

Já o estudo de Luczinski et al (2019), não faz referência explícita a nenhum desenho metodológico específico. As autoras referem que a intenção da investigação é “analisar o papel da relação terapêutica, dentro da Gestalt-terapia, no processo de empoderamento das mulheres com as quais nos encontramos em nossos consultórios” (p.949). Diferentemente do estudo de Antúnez et al (2018), que faz uma referência ao desenho metodológico de estudo de caso, no estudo de Luczinski et al (2019) o “testemunho dos encontros”, como referem as autoras, foram capturados pelas terapeutas - e autoras do artigo - ao longo do processo terapêutico; porém, sem nenhuma referência quanto a qualquer tipo de sistematização para a descrição dessas narrativas, nem tampouco uma metodologia específica de análise de dados. As autoras também não fazem referência ao número e à caracterização das participantes. O material de análise parte do relato de mulheres que procuraram as autoras do artigo - enquanto psicoterapeutas - entre os anos de 2017 e 2018; porém, não fica claro quem são as participantes ou o número de sessões, o local de pesquisa e etc.

Esta é uma crítica frequentemente feita aos estudos de base fenomenológica: a ausência clara de descrição metodológica que possa servir de rota para outros estudos que visem semelhantes interesses e objetivos (Gomes & Castro, 2010). Segundo Castanon (2009), é preciso estabelecer um compromisso metodológico mínimo, pois não parece ser possível dispensar algum tipo de proposta de estruturação na geração e na análise de dados. O autor reconhece a natureza inquantificável dos fenômenos psicológicos e o fato da psicologia não ter um objeto próprio único - o que caracteriza os dilemas epistemológicos, ontológicos e metodológicos da psicologia no diálogo com a ciência moderna. Entretanto, a adesão a algum tipo de proposta empírico-metodológica, com o devido reconhecimento das limitações da mesma, precisaria ser considerada. Sem uma proposta metodológica rigorosa fica difícil o diálogo com outros campos de saber e com a própria psicologia.

Ainda sobre a questão teórico-metodológico, uma outra pergunta que orientou esta busca de artigos é se a fenomenologia apareceria de forma secundária nas pesquisas de abordagens historicamente convergentes, como as abordagens humanistas, gestáltica ou logoterapia. O estudo de Luczinski et al (2019) é um artigo nomeadamente do campo da gestalt-terapia e as autoras afirmam que ele é “proveniente da perspectiva fenomenológica” (p.955). Ao longo do texto, as autoras fazem referência à fenomenologia como base de compreensão para o encontro intersubjetivo na abordagem psicoterápica gestáltica. Em vários

momentos do texto, há referências à obra de Husserl, como nos trechos que explicam a forma como as pesquisadoras se aproximaram das narrativas das participantes da pesquisa. Apesar de um reconhecimento de que as vivências femininas das terapeutas também estavam presentes no processo psicoterápico, as autoras reforçam que, na tentativa de compreensão das histórias das clientes, há uma necessidade de colocar suas “experiências pessoais entre parênteses” (p.951), e neste trecho citam a obra de Husserl diretamente.

Esta revisão integrativa pressupunha que ao menos alguns estudos do campo da psicologia humanista e/ou existencial, fundamentados epistemologicamente na fenomenologia, seriam encontrados, seguindo uma tendência internacional apontada por Angus et al (2015) e Hoffman et al (2015) apontadas anteriormente. Nenhum estudo oriundo destas abordagens foi encontrado, o que evidencia uma invisibilidade destes campos na discussão sobre processos psicoterápicos e relação terapêutica.

O fato de nenhum artigo da abordagem humanista e/ou existencial ter sido encontrado, faz um contraste curioso com a pesquisa internacional em psicoterapia que se encontra muito avançada (Angus, et al., 2015; Elliott, Lago, & Charura, 2016). Como demonstram Elliott, Lago e Charura (2016) em um estudo sobre a pesquisa humanista nos últimos sessenta anos, a abordagem, além de ter sido pioneira na investigação psicoterápica, vem fazendo importantes contribuições que demonstram evidências em termos de efeitos e resultados terapêuticos. Uma das características da pesquisa humanista internacional é o desenvolvimento de estudos empíricos sobre os processos psicoterápicos com base na fenomenologia, que buscam investigar dados relativos à experiência do cliente em sessão (Elliot, 2016). Um dos métodos para alcançar esses objetivos é justamente o método empírico fenomenológico de Amedeo Giorgi (Angus et all, 2015), o que evidencia o diálogo das abordagens humanistas com o método empírico-fenomenológico nas pesquisas internacionais.

Por fim, nenhum dos estudos que compuseram a amostra de artigos epistemologicamente fundamentados na fenomenologia apresentava qualquer tipo de hipótese previamente delineada sobre a relação terapêutica e nem tampouco sobre o processo psicoterápico; contrariando uma possível filiação destes estudos com os parâmetros metodológicos que visam realizar recortes e considerações prévias sobre o fenômeno - como alertado por Feijoo e Goto (2017). Em geral, estudos que visam a análise de processos psicoterápicos buscam capturar algum tipo de mudança clínica estabelecida aprioristicamente, como, por exemplo, remissão ou alívio de sintomas. No caso dos estudos triados nesta

revisão, nenhum deles partiu de qualquer hipótese de mudança terapêutica previamente definida e sujeita à verificação empírica. Tal fato demonstra que os estudos triados não parecem colocar a fenomenologia em uma posição de mera aplicação técnica operacional, nem tampouco buscam reduzir o fenômeno estudado, como alertam Feijoo e Goto (2017) quando referem os equívocos cometidos por pesquisadores brasileiros fundamentados epistemologicamente na fenomenologia.

No estudo de Luczinski et al (2019), por exemplo, as autoras referem que “a relação terapêutica se mostrou como grande aliada no processo de empoderamento feminino ao acompanhar o contato das mulheres com o contexto à sua volta, consigo mesmas e com suas possibilidades de atuação no mundo” (p.959). A proposta teórico-metodológica do estudo parece ter surgido dos encontros com as mulheres participantes e de uma atitude de “observadoras desinteressadas”; não partindo de qualquer hipótese estabelecida de antemão; o que coaduna com os pressupostos fenomenológicos de pesquisa.

Também o estudo de Antúnez et al (2018), claramente focado no processo psicoterápico e na descrição do “como” acontece a relação, não há qualquer hipótese apriorística que pudesse simplificar o fenômeno estudado. O fenômeno da relação terapêutica, portanto, não parece ter sido reduzido aos pressupostos naturalísticos da ciência psicológica, tal como referem Feijoo e Goto (2017) quando criticam que, muitas vezes, perguntas disparadoras levam a opiniões já pré-estabelecidas por parte dos pesquisadores. Apesar de Antúnez et al (2018) referirem associações entre a relação terapêutica e a mudança clínica, nenhuma hipótese prévia parece ter sido delineada no sentido de levar o estudo para uma direção delimitada aprioristicamente. Como os autores referem, foi o encontro que pôde produzir a transformação terapêutica:

À medida que se aproximava do terapeuta diminuía a intensidade sintomatológica. Existia nele uma relação direta entre a forma como ele sentia as vivências relacionais e como ele se percebia a si mesmo: mostrou possibilidades de perceber o outro como uma pessoa, alguém com caráter singular, assim sentia sua ipseidade nas relações com dinamismo e transformação contínua. Era no encontro que se potencializava a possibilidade da transformação das modalidades de seu sofrimento (Antúnez et al, 2018, p.315).

Com base em uma proposta da psicologia fenomenológica, Feijoo e Goto (2017), fiéis a obra de Husserl, propõem para o campo da pesquisa uma “explicitação e descrição das vivências, acompanhando o fenômeno psíquico tal como ele acontece no seu campo de

mostração, sem nenhuma determinação aprioristicamente dada” (p.8). Para os autores, o investigador deve “descrever o fenômeno a partir dos sentidos que aparecem na própria experiência” (p.8); descrevendo também a essência da descoberta, ou seja, os vetores internos ao fenômeno. No que concerne a este aspecto, tanto o trabalho de Antúnez et al (2018) como o de Luczinski et al (2019), também tem como foco a descrição das vivências do pesquisador/terapeuta envolvido no processo psicoterápico, uma vez que visam a investigação da relação terapêutica a partir dos sentidos que aparecem na própria experiência. As descrições das vivências, em ambos os estudos, são baseadas nos sistemas conceituais, afetivos e emocionais dos terapeutas, uma proposta característica de modelos compreensivos e descritivos de investigação, diferindo, portanto, dos modelos empíricos da psicologia (propostas operacionais, monológicas e estruturadas por hipóteses apriorísticas).

A dimensão ontológica da relação terapêutica e seus reflexos na pesquisa empírica

Tendo trabalhado o primeiro eixo de discussão - a questão teórico-metodológica - a seguir, será desenvolvido o eixo referente à dimensão ontológica da relação terapêutica e seus reflexos na pesquisa empírica. A discussão ontológica foi separada do eixo anterior, no entanto os argumentos que serão traçados a partir daqui estão fortemente entrelaçados com o problema teórico-metodológico abordado anteriormente.

A análise crítica que será desenvolvida neste eixo, surge do questionamento de Feijoo e Goto (2017) de que as pesquisas empíricas em fenomenologia muitas vezes sucumbem às determinações ontológicas apriorísticas dos fenômenos, dados de antemão pela ciência psicológica. A pergunta feita neste estudo é se as pesquisas triadas nesta revisão integrativa, e filiadas a fenomenologia, apresentariam de fato o fenômeno da relação terapêutica aceitando de antemão as categorizações e descrições feitas a partir da ciência psicológica; ou se, ao invés disso, se proporiam a uma reflexão crítica destas categorizações, estando em consonância com a visão de intersubjetividade proposta pela fenomenologia.

No estudo de Antúnez et al. (2018), a discussão sobre a relação terapêutica articulada com uma reflexão sobre a intersubjetividade aparece logo de início. No artigo há um claro questionamento às categorizações oriundas da ciência psicológica, no sentido de problematizar a forma tradicional de pesquisa em clínica: “Como pesquisar a relação em primeira pessoa se o que está em causa é a relação como nós?” (Antúnez et al, 2018. p.313). A frase ilustra a preocupação dos autores em tensionar o conceito de relação terapêutica e

evidenciar as limitações do método empírico de pesquisa para capturar a complexidade do fenômeno. Também no estudo de Luczinski et al (2019), a relação terapêutica é definida como o “encontro entre dois mundos”, onde cliente e terapeuta compartilham um mundo comum, historicamente situado. Ao citar Martin Buber e a filosofia do “eu-tu”, as autoras referem a importância da dimensão inter-humana (relações pessoa-a-pessoa) e salientam o seu potencial em transformar as vidas dos agentes envolvidos no encontro. Para ambos os estudos triados nesta revisão é no espaço do “entre”, do encontro dialógico, que se dá a relação terapêutica. Apesar de terem propostas empiricamente bastante diversas, tanto Antúnez et al (2018) como Luczinski et al (2019), colocam a intersubjetividade no centro da análise do processo psicoterápico.

A necessidade de estabelecer uma epistemologia da intersubjetividade e a busca por uma proposta metodológica rigorosa para os estudos empíricos em psicologia, são discutidas por Mascolo e Kallio (2020). Apoiados em teóricos da fenomenologia, como Husserl e Merleau-Ponty, os autores referem que o conhecimento psicológico não surge da subjetividade nem da objetividade, mas de processos intersubjetivos que ocorrem entre as pessoas. Segundo os autores, analisar empiricamente como se dá este engajamento intersubjetivo é um dos grandes desafios da psicologia. Tanto o subjetivismo - por meio de autorrelato e da introspecção - como o objetivismo - pela via observacional e por meio de estudos experimentais e de controle - falharam metodologicamente nesta tentativa de capturar o universo relacional dos fenômenos (Mascolo e Kallio, 2020).

Entretanto, os autores levantam uma possível saída para compreensão e investigação do engajamento intersubjetivo: um diálogo mais próximo entre o método fenomenológico e o construcionismo. Mascolo e Kallio (2020) propõem um pluralismo metodológico, métodos que envolvam primeira, segunda e terceira pessoa. Visto que os métodos que usamos para compreender a experiência psicológica não podem ser divorciados de suas origens ontológicas de compreensão, os autores sugerem que a proposta empírica deveria abarcar a experiência, vivência e percepção de todos os agentes direta ou indiretamente envolvidos na relação intersubjetiva.

Tanto o estudo de Antúnez et al (2018) como de Luczinski et al (2019), concentram a investigação da relação terapêutica na figura do terapeuta. Isso é justamente o que Marková (2016/2017) afirma quando refere que “a maioria dos fenomenologistas descreve a experiência subjetiva dos fenômenos (ou objetos) do ponto de vista da primeira pessoa”

(p.102); tentam “capturar o mundo-da-vida como aparece para cada indivíduo em e por diferentes estruturas da consciência ou pelos conteúdos da consciência” (p.102). Os relatos de primeira pessoa, segundo Mascolo e Kallio (2020), operam como reflexos de segunda ordem, em que a experiência é mediada por sistemas de símbolos socialmente partilhados. Isso pode ser ilustrado pelas seguintes afirmativas, oriundas dos dois estudos analisados nesta revisão:

Um dos caminhos que encontramos para pesquisar a relação em primeira pessoa é por meio da exploração daquilo que o clínico está sentindo na presença do paciente. O terapeuta sente aquilo que está sendo vivido em cada momento relacional, explorando assim o campo intersubjetivo, ou mais especificamente como o campo interpessoal ecoa em si. Esta forma do terapeuta/pesquisador posicionar-se junto ao outro potencializa o aparecimento de características importantes da afetividade da pessoa, surgindo na relação um sentir que é pré-temático e pré-simbólico, mas que é vivido em relação ou em uma interioridade recíproca que nos informa sobre os aspectos pré-reflexivos do paciente, do próprio corpo vivente deste (Antúnez, et al 2018, p.313).

Foram mulheres que nos inspiraram a pensar as possibilidades da relação terapêutica no processo de empoderamento, uma vez que foi o que testemunhamos nos encontros. Desse modo, entendemos que as discussões disparadas tem caráter situacional e encarnado (Luczinski et al, 2019, p.959).

A escolha de pesquisadores por descreverem o fenômeno testemunhado a partir da ótica do terapeuta (em geral, também o pesquisador) parece ser uma opção comum nos estudos brasileiros filiados à fenomenologia, como referido anteriormente, por exemplo, sobre os estudos de Amatuzzi (2010). Entretanto, cabe ressaltar que a geração de dados baseados nos relatos do terapeuta não é a única opção investigativa empírica disponível para a compreensão da relação terapêutica e do processo psicoterápico. Hoffman et al (2015), por exemplo, tece críticas a este formato centrado no terapeuta, afirmando que muitas pesquisas filiadas à fenomenologia e ao existencialismo tomam exclusivamente como base o relato do terapeuta sobre a relação terapêutica, negligenciando aspectos efetivamente intersubjetivos e dialógicos do processo, que devem necessariamente envolver mais ativamente o cliente.

Constatou-se nos estudos triados nesta revisão que a experiência intersubjetiva centrada na figura do pesquisador/terapeuta funcionou como o principal instrumento para geração de dados das pesquisas. Mascolo e Kallio (2020) referem que a investigação do engajamento intersubjetivo pode se dar por duas diferentes vias: a via afetiva e empática, ou seja, nossa capacidade de compartilhar o mundo experiencial do outro (um engajamento naquilo que o outro sente); e a via comunicativa, em que o acesso ao engajamento

intersubjetivo pode se dar por meio da interação linguística. Nesta última, o foco investigativo são os códigos linguísticos (verbais e não verbais), que em geral são analisados *a posteriori*.

Nos artigos triados nesta revisão integrativa foi possível observar que as propostas investigativas sobre a intersubjetividade se deram pela via corporal e afetiva, sentida e vivida pelo terapeuta, e não tanto pelos elementos linguísticos (aquilo que é dito pelos participantes sobre a relação). As descrições do terapeuta/pesquisador sobre a experiência do outro, em ambos os estudos, foram baseadas nos sistemas conceituais, afetivos e emocionais dos próprios terapeutas. No artigo de Antúnez et al (2018), por exemplo, a proposta investigativa pela via afetiva e empática é bem clara quando os autores referem que buscam uma “corporeização e intuição reflexiva” para a compreensão do processo psicoterápico. Como citado anteriormente, os autores visam a explorar aquilo que o clínico sente na presença do cliente; o terapeuta explora o campo intersubjetivo através daquilo que a relação ecoa para si (terapeuta) (Antúnez et al, 2018). Também o mesmo tipo de investigação é observada no estudo de Luczinski et al (2019). Segundo as autoras são os afetos mobilizados em ambos os lados da relação que devem ser objetos de análise investigativa. Ao explorarem a questão do empoderamento e da feminilidade das clientes, as autoras o fazem no encontro com as feminilidades das próprias terapeutas.

Esta predileção pelo elemento afetivo - daquilo que é sentido pelo terapeuta e também o transforma na relação psicoterápica - produz um claro rompimento com as pesquisas empírico-formais tradicionais. Segundo Jardim, Souza e Gomes (2009), as terapias tradicionais, calcadas na ciência empírico-formal, são predominantemente monológicas, em vez de dialógicas; e a tradição da fenomenologia, como já referido, visa justamente superar essa cisão sujeito/objeto. Se a interação dos agentes envolvidos na relação é o verdadeiro foco de análise do processo terapêutico, então ambos, terapeuta e cliente, devem ser entendidos como agentes de expressão, de transformação e de mudança.

A tentativa de estabelecer um espaço efetivamente dialógico está na proposta original de ambos os estudos triados, como pode ser ilustrado no seguinte trecho:

Mas é preciso notar também como o terapeuta se corporeizou e se enriquece como terapeuta ao acompanhá-lo em suas vivências. Não apenas o paciente é tocado no íntimo do seu ser, mas o terapeuta também é tocado, devido ao poder da dialética afetiva que é vivenciada no momento do encontro, nesta relação real e profunda que é criada e desenvolvida encontro a encontro (Antúnez et al, 2018; p.315).

Por fim, a perspectiva dialógica, identificada em ambos os estudos, envolve um cruzamento entre os sistemas identitários dos agentes envolvidos na relação terapêutica, “cada um passando a estar representado no sistema do outro numa multivocalidade partilhada” (Rosa & Gonçalves, 2013, p. 308). O processo terapêutico deve ser encarado como uma oportunidade de (re)construção de um espaço dialógico, que oportuniza a visibilidade das diferentes identidades, estabelecendo um canal de real e genuína comunicação.

Considerações finais

A proposta central deste estudo foi estabelecer uma discussão sobre o cenário da pesquisa brasileira no que diz respeito à investigação empírica da relação terapêutica nos processos psicoterápicos, principalmente no que tange às pesquisas fundamentadas epistemologicamente na fenomenologia. Como foi demonstrado, essa discussão se faz ainda mais necessária na atualidade, tendo em vista a mudança de paradigma em relação às pesquisas empíricas internacionais em psicoterapia, as quais passaram a dar grande ênfase nos aspectos relacionados à díade terapeuta-cliente. No entanto, conforme já nos alertavam Gomes e Castro (2010), julga-se que as pesquisas fenomenológicas brasileiras em psicoterapia vinham evitando o debate internacional sobre os processos psicoterápicos e que este distanciamento devia-se, em parte, aos receios de pesquisadores brasileiros de que os fenômenos psicológicos fossem abordados de forma reducionista quando parametrizados pela ciência psicológica (Feijoo & Goto, 2017).

A proposta deste estudo foi justamente verificar se essas mesmas características da pesquisa brasileira - escassez de pesquisas empíricas e predileção por estudos teóricos - apontadas pelos autores, ainda persistem hoje. A partir do levantamento realizado por esta pesquisa foi possível identificar que a produção empírica brasileira sobre a temática da relação terapêutica nos processos psicoterápicos ainda encontra-se escassa, como já havia sido apontado por Pieta, Castro & Gomes (2012). Os periódicos nacionais apresentam muitas produções teórico-reflexivas sobre a temática da relação terapêutica, porém uma baixa produção de estudos empíricos.

Uma das limitações deste estudo foi a escolha dos descritores (relação terapêutica, aliança terapêutica, psicoterapia, avaliação e processo) que, apesar de adequados aos objetivos desta revisão integrativa, podem ter interferido na quantidade de artigos abarcados. É possível supor que os termos “fenômenos clínicos” - ao invés de psicoterapia ou processo

psicoterápico -, bem como os descritores “intersubjetividade” e “relação intersubjetiva” - ao invés de relação terapêutica -, talvez tivessem abarcado uma maior quantidade de estudos provenientes da fenomenologia. O estudo de Correia e Moreira (2016) é uma ilustração desta possível limitação. Correia e Moreira (2016) apresentam uma proposta investigativa do processo psicoterápico de grupo fazendo uso das “versões de sentido” propostas por AmatuZZi (2010) e descrevem como psicoterapeutas e clientes vivenciam a experiência terapêutica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho fenomenológico, que visa investigar o processo psicoterápico, mas que não apareceu nesta revisão integrativa. Este estudo não foi triado na busca de artigos pelos descritores elencados porque as autoras não utilizaram os termos relação terapêutica e processo psicoterápico. Sugere-se que futuras revisões científicas sobre este tema atentem para o uso de outros possíveis descritores aqui negligenciados no sentido de ampliar o escopo de pesquisa.

No que se refere à análise interpretativa dos estudos triados, foi possível demonstrar como estes se materializam em termos teóricos (filiação às origens teóricas da fenomenologia, influência filosófica e abordagens historicamente convergentes) e metodológicos (geração de dados, desenhos metodológicos, propostas analíticas, perspectiva pela qual a relação terapêutica é investigada, entre outros aspectos). Os dois estudos encontrados nesta revisão integrativa estão afinados às discussões em torno da dimensão ontológica da intersubjetividade proposta pela fenomenologia e apresentam contribuições sobre a possibilidade de investigação empírica da relação terapêutica. Pode-se dizer que as escolhas teóricas e metodológicas de ambos os estudos buscam romper com uma visão monológica do processo psicoterápico, não compactuando com uma visão objetificante da relação terapêutica. Os estudos triados não parecem colocar a fenomenologia em uma posição de mera aplicação técnica operacional, como alertam Feijoo e Goto (2017) quando criticam aos estudos empíricos nacionais.

Ressalta-se, porém, que ambas as propostas optam por uma escolha investigativa em primeira pessoa, centrada na figura do terapeuta/pesquisador, enfatizando tão somente os elementos afetivo-expressivos por este capturados. Sugere-se que a discussão em torno da investigação sobre a intersubjetividade em primeira, segunda e terceira pessoa - o pluralismo metodológico proposto por Mascolo e Kallio (2020) - possa ser um campo a ser explorado por pesquisadores brasileiros filiados à fenomenologia, já que este parece ser um debate teórico-metodológico bastante avançado em pesquisas internacionais.

Fica em suspenso, no entanto, a pergunta sobre quais opções investigativas - em termos de delineamento e metodologia de pesquisa - seriam mais adequadas para a condução dessas investigações no campo da fenomenologia no sentido de compreender os processos psicoterápicos no contexto brasileiro. Não se trata de sugerir uma homogeneidade e universalidade em termos metodológicos; contudo, é preciso pensar na possibilidade de serem traçados alguns parâmetros metodológicos mais rigorosos, que obviamente não venham a ferir os pressupostos ético-epistemológicos da fenomenologia, mas que também possibilitem e facilitem o diálogo entre pesquisadores que se interessem pela investigação empírica da relação terapêutica.

Sugere-se também que estudos futuros no campo possam inaugurar um diálogo mais profícuo com pesquisadores internacionais, mesmo aqueles filiados à PPBE, buscando pontos de convergência entre a pesquisa fenomenológica e os métodos empírico-formais para a compreensão da relação terapêutica.

Compreende-se que a fenomenologia não pode ceder a um modelo metodológico empírico que contrarie seus pressupostos epistemológicos; no entanto, parece também não ser mais possível abdicar de seu espaço investigativo e de diálogo com a ciência psicológica mais ampla. A contribuição dos saberes oriundos da fenomenologia tem um grande potencial para alavancar as discussões sobre a relação terapêutica e propiciar o desenvolvimento de uma postura ética e dialógica no campo da psicoterapia; mesmo no campo da ciência psicológica tradicional, que, paradoxalmente, parece cada vez mais inclinada a um questionamento de sua visão tecnicista, prescritiva e objetificante. Talvez não se trate de substituir a ciência psicológica por uma psicologia fenomenológica, colocando a última no lugar da primeira; mas, quem sabe, ultrapassar essa dicotomia investindo na clarificação dos pontos de divergência e convergência entre ambas, através de um diálogo que busque avançar na compreensão e investigação dos fenômenos psicológicos.

Referências

American Psychological Association. (2006). Evidence-based practice in psychology: APA presidential task force on evidence-based practice. *American Psychologist*, 61(4), 271-285. Retrieved from <https://www.apa.org/pubs/journals/features/evidence-based-statement.pdf>

- Amatuzzi, M. M. (2010). Versão de sentido. In M. Amatuzzi. *Por uma psicologia humana* (Cap. VI, pp. 75-89). Campinas, SP: Alínea. (Trabalho original publicado em 1996)
- Angus, L., Watson, J. C., Elliott, R., Schneider, K. & Timulak, L. (2015). Humanistic psychotherapy research 1990–2015: from methodological innovation to evidence-supported treatment outcomes and beyond. *Psychotherapy Research*, 25(3), 330-347. doi.org/10.1080/10503307.2014.989290.
- Antúnez, A. E. A., Colombo, E. R., Santoantonio, J., Acharán, J. T. O. & Acurio, J. C. M. (2018). Fenomenologia da vida em pesquisas clínicas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(3), 312-318. doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.5
- Antúnez, A.E.A., Martins, F. & Ferreira, M. V. (2015). A fenomenologia da vida de Michel Henry e a psicologia clínica. *Psicologia USP*, 26(3), 316-317. doi.org/10.1590/0103-6564D20150008
- Correia, K., & Moreira, V. (2016). A experiência vivida por psicoterapeutas e clientes em psicoterapia de grupo na clínica humanista-fenomenológica: Uma pesquisa fenomenológica. *Psicologia USP*, 27(3), 531-541. doi.org/10.1590/0103-656420140052
- Elliott, R.; Lago, C. & Charura, D. (2016) Research on person-centred/experiential psychotherapy and counselling: summary of the main findings. In: *Person-Centred Counselling and Psychotherapy*. McGraw-Hill/Open University Press, Maidenhead, Berkshire, pp. 223-232.
- Feijoo, A. M. L. C. & Goto, T. A. (2017). É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4), e32421. Epub June 22, 2017. doi.org/10.1590/0102.3772e3241
- Ferreira, M. V. & Antúnez, A. E. A. (2013). Intersubjetividade em Michel Henry: relação terapêutica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 92-96. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100012&lng=pt&tlng=pt
- Gomes, W. B. & Castro, T. G. (2010). Clínica fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 81-93. doi.org/10.1590/S0102-37722010000500007
- Hoffman, L., Dias, J. & Soholm, H. C. (2012). Existential-humanistic therapy as a model for evidence-based practice. 120th *Annual Convention of the American Psychological*

- Association, Orlando, FL, United States. Retrieved from https://www.academia.edu/1843926/Existential-Humanistic_Therapy_as_a_Model_for_Evidence-Based_Practice
- Hoffman, L., Vallejos, L., Cleare-Hoffman, H. P., & Rubin, S. (2015). Emotion, relationship, and meaning as core existential practice: evidence-based foundations. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 45(1), 11-20. doi.org/10.1007/s10879-014-9277-9
- Holanda, A. (1997). Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 14(2), 33-46. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X1997000200004>
- Holanda, A.F. (2012). Reflexão sobre o Campo das Psicoterapias. Do Esquecimento aos Desafios Contemporâneos. In Adriano F. Holanda (Org.). *O Campo das Psicoterapias. Reflexões Atuais*. Curitiba: Juruá, pp.71-100.
- Jardim, A. P, Souza, M. L & Gomes, W. B. (2009). O self dialógico e a psicoterapia: uma compreensão dialógica da relação terapeuta-paciente. *Contextos Clínicos*, 2(1), 1-10. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000100001&lng=pt&tlng=pt
- Kondratyuk, N., & Peräkylä, A. (2011). Therapeutic work with the present moment: A comparative conversation analysis of existential and cognitive therapies. *Psychotherapy Research*, 21(3), 316–330. <https://doi.org/10.1080/10503307.2011.570934>
- Leal, Erotildes Maria, & Serpa Junior, Octavio Domont de. (2013). Acesso à experiência em primeira pessoa na pesquisa em Saúde Mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(10), 2939-2948. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013001000018>
- Luczinski, G., Vianna, K., Garcia, R., Nunes, V. & Tsallis, A. (2020). Gestalt-terapia e Empoderamento Feminino na Relação Terapêutica: Reverberações a partir do Atendimento Psicoterápico entre Mulheres. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 19. 947-963. Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/49294/32971>
- Maeder, B.J., Holanda, A. F. & Costa, I. I. (2019). Pesquisa qualitativa e fenomenológica em saúde mental: mapeamento como proposta de método descritivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35439. doi.org/10.1590/0102.3772e35439

- Maia, R.S., Araújo, T. C. S., Silva, N. G. & Maia, E. M. C. (2017). Instrumentos para avaliação da aliança terapêutica. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(1), 55-63. doi.org/10.5935/1808-5687.20170009
- Marková, Ivana (2017). *Mente Dialógica: senso comum e ética*. (Lilian Ulup, Trad.) São Paulo: PUCPress. (Originalmente publicado em 2016)
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em Psicopatologia. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 17 (3), 447-456. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>
- Mascolo, M. F. & Kallio, E. (2020) The Phenomenology of Between: An Intersubjective Epistemology for Psychological Science, *Journal of Constructivist Psychology*, 33:1, 1-28. <https://doi.org/10.1080/10720537.2019.1635924>
- Norcross, J. C., & Lambert, M. J. (2018). Psychotherapy relationships that work III. *Psychotherapy*, 55(4), 303-315. doi.org/10.1037/pst0000193
- Parrow, K., Sommers-Flanagan, J., Cova, J. & Lungu, H. (2019). Evidence-based relationship factors: a new focus for mental health counseling research, practice, and training. *Journal of mental health counseling*, 41, 327-342. doi.org/10.17744/mehc.37.2.g13472044600588r
- Pieta, M. A.M.; Castro, T. G. & Gomes, W. B. (2012). Psicoterapia e Pesquisa: Desafios para os Próximos 10 Anos no Brasil. In Adriano F. Holanda (Org.). *O Campo das Psicoterapias. Reflexões Atuais* (p.121-141). Curitiba: Juruá.
- Pieta, M. A. M. & Gomes W. B. (2017). Impacto da relação terapêutica na efetividade do tratamento: o que dizem as metanálises? *Contextos Clínicos*, 10(1), 130-143. Retrieved from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822017000100011&lng=pt&tlng=pt
- Rosa, C. & Gonçalves, M. M.. (2013). Estratégias dialógicas de auto-organização da identidade: psicoterapia e reestruturação da gestão interna. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(3), 305-312. doi.org/10.1590/S0102-37722013000300008
- Ribeiro, N. S., Torres, A.P. F., Pedrosa, C. A., Silveira, J. D. F. & Sartes, L. M. A. (2019). Caracterização dos estudos sobre medidas de aliança terapêutica: revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 12(1), 303-341. doi.org/10.4013/ctc.2019.121.13
- Santos, M.E.P., Antúnez, A.E.A & Pimentel, A.S.G. (2020) Fenomenologia da relação familiar na vivência do transtorno bipolar. *Pensamento Contemporâneo Psicanálise e*

Transdisciplinaridade, vol. 2, n.1, 63-78. <http://www.pensamentocontemporaneo.com.br/index.php/pmtocipt/article/view/48/31>

Soares, Luisa. (2011). O Estado da Arte Psicoterapêutica: Evolução Histórica e Bases Epistemológicas da Psicoterapia. *Revista de Psicologia da IMED*. 3. 462-475. <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v3n1p462-475>

Souza, M. T. de, Silva, M. D. da, & Carvalho, R. de. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1 Pt 1), 102-6, São Paulo. Recuperado de: <http://www2.unifesp.br/acta/pdf/v25/n6/v25n6a23.pdf>

Zanatta, D. & Benetti, S. P. C. (2012). Representação mental e mudança terapêutica: uma contribuição da perspectiva psicanalítica da teoria das relações objetais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 93-100. doi.org/10.1590/S0102-37722012000100012

Wampold, B.E. (2015). How important are the common factors in psychotherapy? An update. *World Psychiatry*. 2015;14(3):270-277. <https://doi.org/10.1002/wps.20238>

Recebido em 15.11.2020 – Primeira Decisão Editorial em 22.12.2020 – Aceito em 13.01.2021